

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E IMAGENS DO FEMINISMO NO FACEBOOK

ANA PAULA FREITAS MARGARITES¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ *Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel –
anamargarites@gmail.com*

² *Docente do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel – cgrm@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute como as variadas imagens relacionadas ao feminismo publicadas no Facebook estão engendradas nos processos de produção de subjetividade das mulheres brasileiras nesta contemporaneidade. Alinhamo-nos com Braidotti (1994, 2002) cujo pensamento sobre o feminismo coloca a diferença sexual como produzida por fatores materiais e linguísticos, não sendo redutível a unicamente qualquer um destes aspectos. Encontramos nas Filosofias da diferença, no trabalho de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, pistas metodológicas e conceituais através das quais nos movimentamos neste estudo.

De acordo com Braidotti (2002), o ciberespaço é uma das zonas onde a disputa pelo controle sobre a imagem contemporânea é mais visível hoje. Para a autora, o feminismo vem tomando parte nesta batalha, lutando por uma re-significação positiva de suas demandas. Às lutas feministas do Século XX pelo fim da violência de gênero e pelo acesso aos direitos reprodutivos para todas as mulheres, a autora soma as discussões sobre classe, raça, etnia e idade que, na internet, transformam o feminismo em uma multiplicidade. A rede se configura como a tecnologia que mais transita entre os diversos âmbitos da realidade social, de forma que “nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da assistência por computador” (GUATTARI, 1999, p. 177).

A própria noção de um sujeito racional, único e emancipado (ou emancipável), já problematizada por Foucault (2005, 2006), é ainda mais questionada se consideramos a máquino-dependência da subjetividade. O pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade nunca dada, mas sim em constante processo, constituída no entrelaçamento de poderes, saberes e vozes de auto referência (GUATTARI, 1999).

2. METODOLOGIA

Este trabalho busca inspiração na cartografia (DELEUZE e GUATTARI, 2011) na intenção de criar um mapa dos processos de produção de subjetividade a partir de imagens veiculadas por páginas feministas no Facebook em formato de gráficos, fotos, montagens, *memes* e *gifs* animados. De acordo com Kastrup (2007, p.2), o método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto”. Para Rolnik (2006), a cartógrafa é alguém com um tipo de sensibilidade que permita perceber as co-existências entre as macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na produção da realidade social.

Desta forma, o primeiro procedimento realizado nesta pesquisa envolveu o encontro com páginas em língua portuguesa de conteúdo relacionado ao

feminismo com alto número de seguidores no Facebook. Tratamos das seguintes páginas: “Não Me Kahlo”, criada em 2014, com 1.236.100 seguidores; “Empodere Duas Mulheres”, criada em 2015, com 1.084.887 seguidores; e “Feminismo Sem Demagogia – Original” com 1.058.896 seguidores.

Uma vez definidas as páginas, seus álbuns de Fotos da Linha do Tempo foram abertos. Procuramos olhar para estas imagens individualmente e como um todo, buscando os movimentos que vão transfigurando o feminismo e a feminilidade nestas páginas no Facebook. A intenção é que, à maneira da cartógrafa que “não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo” (ROLNIK, 2006, p. 65), o olhar esteja atento aos agenciamentos que se fazem visíveis, servindo-se das matérias mais diversas; fontes teóricas, mas também música, filmes, programas de tv, literatura, arte, imagens publicitárias e a própria internet. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2006, p. 65).

Na composição deste mapa, as imagens escolhidas nesse momento da pesquisa correspondem àquilo imediatamente perceptível num primeiro contato com o material. Falamos dos temas e dos motivos que se repetem, que estão presentes frequentemente; entendemos que aí encontramos pistas sobre os processos de produção de subjetividade engendrados nas páginas aqui discutidas.

Em termos conceituais, operamos com a noção de produção de subjetividade (GUATTARI, 2006) a partir de instâncias humanas, interações institucionais, dispositivos maquínicos e universos de referência incorporais. Utilizamos ainda o conceito de imagem a partir de Deleuze (2001, 2006, 1985, 2007), que nos auxilia a pensar nos clichês e nas imagens não representativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A noção de imagem atravessa uma grande extensão da obra de Deleuze. Em um primeiro momento, o conceito aparece compondo a ideia de uma imagem dogmática do pensamento (DELEUZE, 2001), que corresponderia a uma compreensão estanque do que seria o ato de pensar. Nesta perspectiva, trata-se, então, de um clichê; um postulado que leva o autor reivindicar, mais tarde, um pensamento sem imagem (DELEUZE, 2006), ou seja, um pensamento sem pressupostos. Partindo deste combate à representação e passando a propor imagens que valham por si mesmas, Deleuze (2009) fala em imagem pictorial a partir da obra de Francis Bacon, acrescentando as noções de imagem-tempo e imagem-movimento a partir dos seus estudos sobre o cinema moderno (DELEUZE, 1985, 2007).

Estas questões são por fim retomadas no livro *O que é a Filosofia?*, em que Deleuze e Guattari (1992) propõem a noção de uma imagem não-representativa, que escape dos clichês já estabelecidos. Tais imagens operariam como linhas de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 2012), portadoras de uma ética da desterritorialização. Alinhada com estes autores, Braidotti (2002, p 09) considera que é preciso renunciar “aos hábitos de pensamento historicamente estabelecidos que, até agora, têm fornecido a visão ‘padrão’ da subjetividade humana” em favor de um nomadismo que opere como desestabilizador de imagens cristalizadas e estereotipadas sobre o feminismo.

Um dos estereótipos mais exaustivamente repetidos a respeito do feminino está ligado a uma relação entre a mulher e uma imagem romantizada da *natureza*. Este clichê, que ao longo da história da arte tem reclinado corpos femininos nus em paisagens bucólicas, estabelece uma associação entre as

mulheres e as flores, os campos e os animais, aproximando o feminino da corporeidade e o afastando da racionalidade, como se estes fossem dois extremos antagônicos. A mulher é ainda determinada pelo viés biológico, que define seu destino (BEAUVOIR, 1980) e é visível nos *posts* que remetem a flores, tintas transparentes de aquarela e letras desenhadas à mão na página Empodere Duas Mulheres¹.

Entre as figuras de mulheres que se encontram nas páginas, destaca-se o uso de fotografias e ilustrações que representam personalidades célebres, presentes em cinco dos últimos dez posts da página Feminismo Sem Demagogia – Original². Rosa de Luxemburgo, economista e filósofa marxista, aparece emoldurada pelo símbolo do feminino na imagem de perfil da referida página portando um cartaz onde se lê “Feminismo Sem Demagogia”. A ilustração a coloca como alguém que protesta; sua atitude nos remete a muitas outras mulheres em manifestações. Ela demanda por um “feminismo sem demagogia”, e nos faz pensar que existe um feminismo com demagogia que ela combate. A figura de Rosa remete à lógica binária das dicotomias (DELEUZE, GUATTARI, 2011).

Outras mulheres apresentadas na mesma página são as teóricas e ativistas feministas Bell Hooks, Angela Davis e Alexandra Kollontai, que surgem em montagens que justapõem retratos seus com as citações de seus textos. Já a personagem Mafalda, célebre por seu espírito crítico, empresta sua figura para a exposição de um texto em homenagem às mães que não foi originalmente escrito por seu criador, o cartunista argentino Quino. Tais mulheres tem sua figura apropriada por esta e outras páginas por que são vozes autorizadas para falar sobre o tema abordado; suas vidas e suas falas (mesmo quando não são suas) transformam-se em modelos de conduta para aquelas que as ouvem, lêem e vêem. Assim colocadas, estas mulheres se convertem em imagens dogmáticas e porta-vozes de uma univocidade (DELEUZE, GUATTARI, 2011) que produz modos de ser.

Nenhuma destas figuras femininas, no entanto, se faz tão presente nas páginas aqui discutidas quanto a artista visual mexicana Frida Kahlo, visível em todos os posts da página Não me Kahlo³ e em várias imagens das outras páginas mencionadas. O trocadilho “Mesmo SoFrida Jamais me Kahlo” circula em diversos formatos: fotografias de pichações, montagens com fotos da artista, ilustrações, *memes* e gifs animados. O rosto de Frida aparece em retratos pintados pela própria artista, em fotografias e em desenhos; sua sobancelha e seu penteado estão na imagem de perfil da página e na assinatura de todos os *posts* da página. Parece que a vida conturbada e a produção artística de Frida a transformam em uma espécie de ídolo para o feminismo contemporâneo.

Cabe pensar que estas páginas capturam o “sujeito carente de planos de consistência para seus afetos desterritorializados” (ROLNIK, 2006, p. 155), trazendo alívio para estas crises. Desta forma, as imagens que circulam nestas páginas correm o risco de passar de porta-vozes de minorias que atuam no campo micropolítico para a cristalização em formas já estagnadas de identidade.

4. CONCLUSÕES

¹ Disponíveis em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/>. Acesso em: 14 set. 2017

² Disponíveis em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal>. Acesso em: 14 set. 2017.

³ Disponíveis em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/>. Acesso em: 14 set. 2017.

Considerando que os conteúdos produtores de processos de subjetivação dependem de uma série de sistemas máqunicos em que o sujeito se produz a partir de relações entre instâncias individuais e/ou coletivas, as imagens nas quais nos detivemos nesta pesquisa em páginas brasileiras sobre feminismo no Facebook não só dizem das demandas de grupos ativistas, mas produzem modos de ser mulher e feminista continuamente. Pensamos, junto com Braidotti (2002) e Deleuze e Guattari (1992, 2011, 2012), na necessidade de um entendimento descentralizado e multi-dimensionado dos modos de existir como dinâmicos e mutantes, situados em um contexto e passando por transformações constantes.

Pensamos que ao invés de favorecer o aparecimento de subjetividades nômades que desconstruam padrões cristalizados, as imagens vistas servem como clichês que reforçam estereótipos de gênero, ou que estabelecem outros padrões identitários fixos. O que se coloca nestas imagens-clichê é um entendimento do feminismo e da subjetividade enraizados em noções pré-concebidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v.I, II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory**. New York: Columbia University Press, 1994.
- BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys, estudos feministas**. Brasília, n. 1-2, jul. /dez. 2002.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. Tradução Eloísa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução Antônio M. Magalhães. Porto/Portugal: Rés-Editora, 2001.
- _____. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **A imagem-tempo**. Tradução Eloísa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. Tradução Ana Lúcia Oliveira et alii. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina. A Era das Tecnologias do Virtual**. Tradução Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- _____. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 19, p.15-22, 2007.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.